

VIAJANDO PELA EUROPA EM 2009

Raymundo Garcia Cota, PhD
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas/UFPA

INTRODUÇÃO

A Europa não se revela inteiramente ao visitante turista que espera encontrar uma Europa que inventou segundo seu romantismo ou que acreditou ser a única área do mundo portadora de história, de “civilização” ou de cultura. Neste sentido, em julho e agosto de 2009, o viajante se fez acompanhar das visões múltiplas e complementares de um literato, de um historiador e de um economista, pois ele é um pouco de tudo isto.

Não se trata de tornar o texto em mero relato de um viajante do século XXI, num mundo de comunicações velozes ou mesmo instantâneas, onde ele se desloca de um país para o outro por avião, carro motorizado ou trem, e não por carro de bois ou cavalos. O propósito, neste artigo, é mostrar as similaridades ou diferenças entre a Europa e o Brasil, apesar das superficialidades e rapidez proporcionadas por uma viagem dessa natureza.

VIAGEM A PORTUGAL

Diferentemente de Saramago (1997), o viajante adentrou Portugal por sua capital, Lisboa. Não chegou pelo Porto de Belém (onde se encontra a Torre de Belém), mas pelo aeroporto Humberto Delgado, muito próximo da cidade. No passado, as viagens duravam meses, depois, semanas. Dava tempo de o viajante preparar-se psicologicamente para chegar à Europa; de ler sobre a geografia e história dos lugares a serem visitados. Hoje em dia tudo mudou. Dependendo do lugar de saída e chegada, o viajante pode atingir Portugal em seis horas; cochila e já desperta com os comissários o acordando para o pouso. Nem dá tempo de ele perceber que chegou. Ouve a mesma língua, de brasileiros e portugueses, apenas com sotaques diferentes. É mesmo Portugal? Não seria Porto Alegre ou Florianópolis?

O viajante sabia que iria repassar uma das histórias que precederam sua própria História: portugueses que chegaram, conquistaram sua terra com seus habitantes nativos, ocuparam-na, produziram e se reproduziram, trouxeram negros da África e combinaram as três raças. Ele, fruto dessas três raças, iria mergulhar nesse passado nos três dias que passaria em Lisboa. Seriam 2000 anos de histórias de celtas, fenícios, mouros, espanhóis. O relato abaixo é o resultado dessa experiência.

Um desafio ao viajante, ao longo de todo o relato, seria conciliar a versão portuguesa (e européia) de *descobrimento* com a convicção do viajante de

conquista do novo mundo. A primeira conquista portuguesa foi Ceuta (1415), antiga base de mouros. Em seguida, D. Henrique fundou a Escola de Sagres, contratando astrónomos, geógrafos, matemáticos, cartógrafos, navegadores. A partir de então, Portugal decidiu mapear e conquistar a Costa da África cujo destino final seria a Índia: Madeira (1419), Açores (1427), Bojador (1434), Cabo Verde (1444), Guiné (1460), Mina (1471), Príncipe e S. Tomé (1475), Angola e Rio Congo (1483), Cabo da Boa Esperança (1488), Madagascar (1500).

Até o final do século XV a Espanha estava envolvida com a expulsão dos mouros. Só então puderam equipar o navegador genovês Cristóvão Colombo para sua viagem à América (1492). A Espanha conseguiu então uma bula papal, registrando toda a terra conquistada, o que não foi aceito por Portugal, obrigando-a ao Tratado de Tordesilhas. A conquista do Novo Mundo estabeleceu aos parâmetros de uma nova era para o desenvolvimento mundial dos pontos de vista económico, político e cultural.

Do lado económico, a Revolução Comercial deu continuidade à acumulação primitiva iniciada pelas Cruzadas. Em outras palavras, a expansão comercial significou a ampliação das pilhagens que ocorreram a partir do norte da África, devastou o Oriente Médio e percorreu as costas africanas. O Novo Mundo passou a palco da violência europeia na mais recente fase de acumulação de capital, conhecida como mercantilista. Em sua vertente política, os monarcas tiveram a oportunidade de firmar-se em seus tronos como senhores de mando absoluto e centralizadores de poder. Isso significou a quebra do poder dos nobres, com auxílio da burguesia comercial e bancária.

A descoberta do novo mundo obrigou os europeus a repensarem seus conceitos sobre o planeta terra. Vale lembrar que, para os gregos, os romanos eram uns bárbaros; posteriormente, eles consideravam bárbaros todos os povos fora do Lácio. Ao conquistar o Novo Mundo, os europeus passaram a comportar-se como todo dominador (MARX, 1977).

O desfile de Colombo em Sevilha e Barcelona foi semelhante à chegada a Roma de seus generais vencedores: utensílios predados e objetos do povo dominado. Para eles, a Europa era o centro do universo (eurocentrismo). Apesar de as culturas árabe, indiana, chinesa, inca e asteca ser-lhes superior em vários aspectos, os europeus impuseram seus costumes, língua e religião sobre os povos dominados (MARX, 1977; ROMANO, 1973; CASALDÁLIGA, 1988).

Ressalte-se o caráter de conquistas das viagens portuguesas e espanholas ao Novo Mundo:

- 1) Conquistados, índios desfilavam com seus trajes típicos.
- 2) Yanez Pinzon, ao passar pela foz do Rio Amazonas, recolheu alguns “exemplares” de índios e os levou para a Europa como “amostra”.
- 3) Portugueses iniciaram o comércio de escravos da África (PRADO, 2000).
- 4) Portugueses utilizaram a Cruz de Malta, símbolo templário das Cruzadas.
- 5) A carta de Caminha enfatizou: “[...] porém o melhor fruto que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente [...]”.

6) Implantou-se o sistema colonial que alavanca o desenvolvimento capitalista moderno (NOVAIS, 1978).

Todo visitante a Lisboa é levado a conhecer o Monumento do Descobrimento, uma caravela de concreto junto ao rio Tejo, local de onde partiam os desbravadores dos mares. Dali partiu Cabral para conquistar o Brasil. Em frente, na entrada do Convento dos Jerônimos, os portugueses enterraram duas de suas mais importantes figuras históricas: Luis de Camões e Vasco da Gama. Seus mausoléus ocupam os dois lados da entrada da capela do convento, de teto gótico, colunata manuelina e lindos vitrais. Ali jazem, lado a lado, o biógrafo e o biografado; o maior vate português e o símbolo universal da Revolução Comercial Homero e seu Ulisses (HOMERO, 2003, 2005); Virgílio e seu Enéas (VIRGÍLIO, 1975).

Camões deve ter selecionado a viagem do Gama, ao longo da pesquisa para escrever sua grande obra, numa história portuguesa rica em heróis. Poderia escolher Nuno Álvares Pereira, o herói de Aljubarrota, que se tornou frade e santo, ou o infante D. Henrique, herói da conquista de Ceuta e estrategista da Escola de Sagres. Poderia ser quaisquer dos chefes de esquadra daqueles quase cem anos de contorno do continente negro. Foi eliminando, um a um, os concorrentes do Gama, o lobo do mar que Camões certamente conhecera tanto na saída quanto na chegada das Índias. Recordou o dia da saída da expedição, os choros de despedida, as apreensões dos que ficavam. Quantas caravelas retornariam? Quantos marinheiros? Na volta, os festejos dos que regressaram à pátria querida; tristeza dos parentes daqueles que não lograram reto mar.

Após a pesquisa, Camões decidiu repetir o roteiro do Gama. Certamente, os amigos tentaram dissuadi-lo, argumentando que ele já tinha material suficiente para o poema. Para ele, não era suficiente; queria sentir a viagem do Gama. E sentiu, até naufragando e salvando seu precioso documento. O resultado é essa obra prima da humanidade *Os Lusíadas*, só comparável à *Odisseia* de Homero (2003, 2005). Afinal, era a odisséia de um povo destemido que ousara desafiar o mar tenebroso e o venceu.

Portugal é a melhor entrada de viajantes e de mercadorias de brasileiros na Europa (assim como a Espanha o é para os hispano-americanos). Não apenas aproxima a língua, mas também os costumes desses povos. As construções na Avenida da República, em Lisboa, apresentam exemplos (que o viajante irá encontrar em toda a Europa) de conciliação entre o novo e o velho; o novo em construção e o velho em conservação, o que diferencia a realidade brasileira de destruição e abandono do passado. Alguns lugares parecem com o Rio de Janeiro; outros, com Belém do Pará.

De seu imenso império do século XVI, somente restou a Portugal esse pequeno território europeu. O viajante pode percorrê-lo, de carro, em uma semana, visitando cidades dos mesmos nomes que Pombal deu a cidades brasileiras: Aveiro, Oeiras, Faro, Santarém, Colares, Bragança. Pode também escolher dentre as diversas excursões ao interior do país. Um roteiro desse turismo rural pode ser Fátima, passando por Odivelas e Óbidos até Nazaré; passar por colinas com moinhos de vento para produzir eletricidade; pequena

produção (até de um hectare) de verdura e vinhedos; plantações de pinho, cedro e eucalipto (este último veio da Austrália para Portugal e não há qualquer semelhança com o ecossistema amazônico onde insistem em plantá-lo).

Óbidos data do período romano (século I), foi ocupada por bárbaros e mouros, entre os séculos VIII e XII, quando foi reconquistada pelos portugueses. Atrás das muralhas dessa antiga fortaleza, moram 200 pessoas. Pode ser comparada a Ouro Preto, apesar dos séculos que as separam, ainda com as pedras romanas e outras recuperadas. De Óbidos a viagem pode seguir a Alcobaca, numa paisagem semelhante a Minas Gerais, passar por muitas vilas, vales, pinhais, onde há o mosteiro de Santa Maria, construído pelos monges cistercienses em 1153, cuja igreja expressa a austeridade dessa ordem religiosa. É de uma construção gótica, de capitéis simples, sem vitrais, com uma nave de 106 metros de fundo e 28 metros de altura, hoje tombada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Na entrada, encontram-se os mausoléus de Inês de Castro e seu príncipe Pedro, tornados famosos pela tragédia de Gil Vicente e em *Os Lusíadas* de Camões (1963), entre outros.

A próxima parada é Nazaré, uma vila de pescadores fundada pelos fenícios, hoje um balneário, onde o viajante pode saborear um bom peixe à portuguesa e um vinho branco da terra. Refeito fisicamente, ele pode visitar a Igreja de N. Sra. da Batalha, na vila do mesmo nome, em homenagem à vitória de Aljubarrota (1385). Essa igreja foi construída por D. João I em estilo gótico (mistura de inglês com português), embora os vitrais sejam do século XIX, com pórtico e janelas bem trabalhados.

Em Fátima, a próxima parada, localizada numa região montanhosa, a 600 metros do nível do mar, tendo em seu entorno moinhos de vento e plantações de eucalipto e pinho, o viajante encontra o santuário de N. Sa. de Fátima, cuja devoção começou em 1917, quando da aparição da Virgem a Lúcia, Francisco e Jacinta. Os corpos desses três pastores estão enterrados na igreja antiga, que ficou pequena para o imenso número de peregrinos que visitam o santuário diariamente. Atualmente, existe uma igreja para 9.000 fiéis, situada atrás da Cova da Iria, hoje um imenso parque, onde ocorreram as aparições. No local das aparições, existe uma pequena capela onde se celebram missas diariamente, em diversos idiomas. O viajante pode pernoitar em Fátima ou retornar para Lisboa a 115 km. Ele encontrará pouquíssimos anúncios ao longo da estrada, mas muitas e belas casas rurais, vilarejos e mais cultivos de eucalipto e pinheiros; passará pelo Tejo, o famoso rio português de aproximadamente mil metros de largura. Nos arredores de Lisboa, ele verá abundância de prédios de quatro andares, alguns de dez andares, pouquíssimos mais altos que esses. Há destaque desse detalhe por causa da paisagem de Belém, com prédios de 40 andares. Ao derrubarem sua floresta natural, talvez os amazônidas realmente queiram substituí-la por uma selva de pedra, mais parecida com São Paulo e Nova Iorque.

Sintra é outro ponto a visitar na Grande Lisboa, nas proximidades do estuário do rio Tejo, no extremo oeste de Portugal (e da Europa), de que falou Camões (1963) em *Os Lusíadas* (canto III): “onde a terra acaba e o mar começa”.

É um município, uma serra e um castelo do mesmo nome, de origem Celta, que data da pré-história portuguesa, hoje patrimônio da humanidade junto à UNESCO. O território já foi também ocupado por romanos e árabes. Após a expulsão destes últimos, houve outro tipo de ocupação (século XII) devido à fertilidade do solo: conventos e mosteiros, ordens militares, quintas e vinhas. Passou à região de caça de reis e nobres; de suas residências de verão.

O mosteiro de N. Sra. da Penha, que é mostrado aos visitantes, foi obra de D. Manuel I (1514) daí o estilo manuelino, simulando cordame de navios, que permanece nas colunatas antigas. O terremoto de 1755, que destruiu Lisboa, atingiu também esse convento, que ficou abandonado por muito tempo. Sua reconstrução e ampliação foram obras do rei consorte D. Fernando II, marido de D. Maria II (filha de D. Pedro I), na década de 1830, para residência de verão. É construção eclética, muito a gosto do século XIX, quando a região foi invadida por aristocratas e burgueses milionários; depois, por pintores, músicos, escritores. De Sintra, o visitante pode continuar até Cascais, importante ponto de lazer no Atlântico português, onde encontrará alguns dos doze fortes que protegiam Lisboa, assim como, em uma de suas freguesias, o famoso Cassino de Estoril.

O viajante ainda teria muito a ver e apreciar em Lisboa e Portugal, não fora o pouco tempo de sua estada. Um setor que chama atenção nesse lugar é o turístico, menos caro que em outros países europeus. O viajante pode se hospedar, comer e beber muito mais em conta em relação aos demais países, exceto Espanha. Alguns taxistas entrevistados pelo viajante elogiaram a União Européia; outros, não. Todavia, todos reconhecem que o Euro integrou Portugal à Europa, trazendo-lhe renda e modernização. Apesar disso, o país mantém suas tradições, com muito orgulho. O viajante sente isso quando os portugueses falam de Aljubarrota e seus tantos heróis ou quando desancam o invasor Napoleão Bonaparte.

CARTA AO POVO BRASILEIRO, POR PERO VAZ DE CAMINHA

Permita-me, Vossa Majestade, este tratamento cerimonioso, visto que muitos dos meus patrícios, principalmente os políticos, o tratam sem a menor cerimônia. Em primeiro lugar, desejo apresentar-me como servidor de V. M., tendo herdado de um tio famoso o nome e a tradição de escrever cartas. Não venho pedir-lhe emprego nem para mim nem para parentes meus, embora eu saiba que nosso Senado Federal anda distribuindo muitos empregos por meio de decretos secretos. Venho relatar-lhe minhas “descobertas” em terras da Europa, que V. M. verá quão importantes são para nossos interesses.

V. M. verá que muita coisa aqui em terras da Europa é diferente daí. Aqui eles falam uma porção de línguas, muitas parecidas com a nossa. Algumas são corruptelas do antigo latim; outras, das antigas tribos germânicas. V. M. deve lembrar que eles também viveram em tribos iguais às nossas, cada uma falando a sua língua. Depois, as pessoas ditas cultas (ou eruditas) passaram a falar latim, deixando o povão falando as línguas deles. Em seguida, criaram as

línguas oficiais de cada país. Entretanto, cada vila continua usando sua língua ou dialeto próprio. Ponha confusão nisso!

Na Europa vivem muitos povos antigos, hoje separados em países, que foram invadidos de todos os lados. Já brigaram muito entre si; atualmente, se uniram numa tal de União Europeia, com uma só moeda. São um povo parecido conosco: com braços, pernas cabeças; alguns têm cabelos louros, olhos azuis ou verdes, como alguns de nossos patrícios. Vestem-se como nós, com calças, camisas, sapatos. A maioria tem a pele branca, mas agora já podemos ver um certo „café-com-leite“; na França e Espanha vê-se muita gente de pele negra, vinda de suas antigas colônias. No passado, essas terras foram invadidas violentamente por vikings, fenícios, bárbaros, mouros. No presente, há uma invasão de gente à procura de emprego; além de turistas de todo o mundo. Nós brasileiros já tivemos problemas com esse povo no passado, quando tentaram invadir o Rio de Janeiro, o Nordeste, a Amazônia. Nós os repelimos e eles se aquietaram, ficaram mansinhos. Agora querem abrir negociações conosco, o que pode ser bom para nós.

Quero chamar a atenção de V. M. para as oportunidades de negócio com esse povo. Não tenho dúvida em afirmar que, se oferecermos nossos produtos a um bom preço, eles compram tudo, até água. Uma vantagem é que a moeda deles, o Euro, vale três vezes a nossa. Assim, eu vou logo traduzindo alguns preços para nossa moeda: uma garrafinha d'água de 200 ml custa R\$7,50; imagine um garrafão nosso! Banana d'água é vendida a R\$12,00 a dúzia. Perto do Duomo de Milão e de Pisa, uma fatiazinha de pão maduro custa R\$3,00; é só juntar o que jogamos fora em nosso país. Aqui eles bebem suco e chá de tudo. Garrafa de chá ou suco custa acima de R\$ 7,50. Vai ser uma barbada enviar para cá suco de manga, jambo, carambola etc. Claro que teremos de acostamá-los com nossos gostos, mas os gringos já não estão bebendo tacacá e açai ou comendo maniçoba?

O que eu quero destacar neste meu relato para V. M. são nossas semelhanças e diferenças com esse povo. Assim, nós podemos aprender algumas coisas com eles e lhes ensinar outras. Eles se comportam assaz diferentemente de nós. Nós somos simpáticos, receptivos, boas praças; eles são sisudos (principalmente na França), apenas corteses. Acho que gostam os que visitem nosso país; até oferecemos cafezinho. Para eles, somos apenas dentes. Quando nos atendem, é aquele sorrisinho profissional e vapt-vupt. Cafezinho? Temos que pagar até depois das refeições (em torno de R\$ 4,50). Que desaforo!

Essa é uma parte ruim deles, resquício dos tempos em que eram bárbaros; hoje eles estão mais civilizados. As ruas de todas as cidades são limpas; nelas se vêem poucos mendigos, mas existem pixadores; batedores de carteira; “rapas” aos vendedores ambulantes, muito semelhantes aos nossos. Em Milão, geralmente são vendedores orientais, cujas mercadorias provavelmente provêm de uma “China Town” da cidade. Essa cidade tem até carapanã, inclusive um que deixa um calombo em nossa pele. Os supermercados cobram os sacos plásticos, o que eu achei bem ecológico. No passado, suas estradas foram infestadas de assaltantes; hoje, as ruas das cidades são bem policiadas, não

apenas para defender seus cidadãos, mas porque turismo representa trabalho e renda.

Veneza me fez lembrar São Sebastião da Boa Vista, no Marajó. A Veneza italiana é uma ilha ligada ao continente por uma ferrovia ou por via marítima. Os prédios são antiquíssimos, todos tombados, ao longo de vielas e pontes. Lembrar que foi porto de onde partiam as cruzadas medievais. Todo transporte se faz pelas águas. Existe o público, em barcos muito confortáveis e com horário preestabelecido, e o privado, em barcos de todos os tamanhos. As gôndolas são enfeitadas para turistas; a população usa barquinhos bem convencionais, como qualquer ribeirinho. A cidade vive de turismo com vendas pequenas e grandes por toda parte, como num arraial.

O que isso tem a ver com a nossa Veneza Amazônica? Esta também é cortada por Igarapés, possui barquinhos lindíssimos, um restaurante e casas em madeira muito bem feitas. O que falta? Gerar riqueza para constituir uma verdadeira cultura amazônica. Está terminando a fase madeireira da região e nossa engenharia e arquitetura não foram capazes de deixar uma obra de peso, em madeira. Repito: nossa engenharia acadêmica não conseguiu dominar a tecnologia da madeira, como fizeram outros povos, para construir casas, móveis e barcos. Nem estamos preservando o que os americanos deixaram em Belterra e Fordlândia. Os grandes construtores de barcos estão morrendo e não estão deixando descendentes. Na Veneza Italiana houve continuidade de Giotto para a Escola de Arte, com sua grande coleção pictórica figurativa dos séculos XV a XVIII; para o Guggenheim, com mostras de Picasso e Salvador Dalí; lá foi lançado o movimento modernista em 1909; a cidade é também famosa pelo seu festival de cinema.

Infelizmente, a Veneza do Marajó já está sendo descaracterizada. Como aconteceu com Belém, os igarapés estão sendo aterrados. Certamente aparecerá alguém que quererá asfaltá-la, para parecer com Belém. Felizmente existem outras candidatas à Veneza da Amazônia, por exemplo, Afuá, Curralinho, Chaves, Muaná. E não pense que sou avesso a modernizações, longe disso! Além das construções em madeira, que ainda são possíveis, poderíamos saltar para o ferro e alumínio. Estruturas de pontes e casas saíam pré-montadas de nossas siderúrgicas para serem acabadas pelos próprios moradores, com outros materiais da região: palhas, meriti, mututi, paxibas etc.

A paisagem vista de avião em torno de Paris, ou de trem, de Milão a Roma, mostra muito cultivo, que eu identifiquei como arroz e milho, mas podiam ser plantações de colza ou outras espécies deles. As árvores cultivadas também são abundantes, em geral coníferas, embora bem raquíticas. Já vi árvores maiores, centenárias, num grande parque dentro de Madri, onde se encontra o Palácio de Cristal. Naturalmente, essas árvores não podem se comparar com nossas sumaumeiras, castanheiras, buritizeiros. Os terrenos são muito bem aproveitados, há cultivo, até dentro das cidades pequenas e vilas.

Em Milão, fui a um lugar chamado Navile, à beira de um canal, parcialmente seco, antigo porto. É assim uma mistura de Ver-o-Peso com Ver-o-Rio. Os restaurantes ficam dentro das casas, de construção antiga. As pessoas vão chegando e sentando debaixo das barraquinhas. Pagam apenas a bebida e

podem, comer à vontade por aquele preço (R\$ 15,00 a 60,00); somente pagam de novo se pedirem outra bebida. Chamou-me a atenção a limpeza da água do canal, onde existe até passeio de barco. Senti ser este um lugar para todas as classes sociais. Chegou até um sujeito numa Ferrari, estacionou, bebeu e comeu como os outros.

Apesar de ser a São Paulo da Itália, Milão é uma cidade de classe média. Os ricos moram nos arredores, principalmente em Turim. Não notei exibicionismo nas pessoas, mas sobriedade. Parece que guardam as roupas de uma estação para outra. Muitos condomínios são de quarto e sala, antigas moradias de trabalhadores, que passavam a semana na cidade, no pós-guerra. Hoje esses apartamentos foram reformados e alugados principalmente para estrangeiros. Os italianos moram em cidades-satélites e vêm de trem trabalhar.

De que os italianos podem e devem se gabar é de seu imenso acervo cultural. Roma, por exemplo, é um museu a céu aberto. Ali se veem escavações arqueológicas e até uma pirâmide original que veio do Egito. Senti que cheguei a Roma quando avisaram sobre um protesto de trabalhadores no terminal principal. Isso era bem Itália: anarquistas, comunistas e socialistas ameaçando greve. Olhei para o alto e me lembrei: do alto daquelas colinas, trinta séculos me contemplavam. Essa história que eu iria rever em dois dias: etruscos, sabinos, romanos, bárbaros do passado e nós, doces bárbaros, ávidos de cultura, no presente. Lembrei-me de um velho ditado *in Roma, ut romani*. A partir daí, eu tinha de me comportar como eles, até dar 10% de gorjeta, gostasse eu do serviço ou não (Na Espanha, eles chamam de *propina*, um nome bem mais apropriado para esse subsídio aos patrões).

Basta Roma para um mergulho nesse passado. Sai-se de uma estação de metrô e dá-se de cara com o Coliseu. É um cercado em ruínas, da altura de um prédio de 15 andares, do tamanho de um campo de futebol. Ali cabiam 150.000 espectadores para apreciarem a morte dos gladiadores e de mártires cristãos. Ao lado, encontra-se a via Apia; no alto, as famosas colinas do Palatino, onde moravam os nobres romanos. No passeio por Roma, sente-se a história a cada passo. Na praça onde César foi assassinado, pode-se até ouvir o lamento do pai para o filho: *et tu Brutus, fili mi*.

Outro marco é a visita à Cidade do Vaticano, por assim dizer, um bairro de Roma. A Basílica de São Pedro foi replicada, em Belém, pela de N. Sa. de Nazaré, porém é maior pelo menos umas quatro vezes. É o mais representativo templo da cristandade. Tudo é majestoso, construído em um tempo em que os papas mandavam no mundo (até dividiram o mundo em duas partes, um pedaço para os espanhóis, outro pedaço para os portugueses). No alto, em letras douradas, se lê o fundamento da Igreja Católica: *tu es Petrus et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam*. Ao lado, encontra-se o Museu do Vaticano, com várias amostras, dentre as quais, as da Capela Sistina. São corredores e corredores, salões e salões, com esculturas e quadros de vinte séculos da história da Igreja. Destacam-se as escolas de Giotto, Rafael e Michelangelo.

Santa Helena iniciou as peregrinações pela Terra Santa; todo o mundo vem à Itália ver o berço da civilização ocidental. Toda cidade possui seu Duomo (catedral) na praça principal, relíquia de um glorioso passado. Algumas, mais

sofisticadas trazem batistério e a torre do campanário, separados do prédio principal. Algumas visitas às igrejas são de graça, em geral, com poucas exceções. Pisa é um lugar onde o campanário é mais importante que o Duomo. Não fosse o desastre de sua inclinação, ninguém se lembraria dele, a não ser alguns físicos pelos experimentos de Galileu. Ouvi o comentário de um visitante: “Puxa, vim de tão longe só para ver essa torrezinha torta” (da altura de um prédio de 10 andares)!

Vista de cima, Paris não difere das grandes cidades européias, com plantações em seu entorno, de pequenos lotes, até próximo do Aeroporto Charles De Gaulle. Vai-se de trem e metrô para o centro da cidade num percurso aproximado de uma hora. Pouco resta da Paris dos tempos romanos, mas os franceses se esforçam por evocar até essa época. Paris é uma cidade da era moderna, aparecendo mesmo na História com Luís XIV, que construiu Versalhes. É mais ou menos a época em que os franceses aparecem em nossa História, como piratas que invadiram nossas terras. Exduídos do Tratado de Tordesilhas, juntamente com ingleses e holandeses, tomaram fora-da-lei (*out-laws*) perante as autoridades mundiais. Foi a época em que os espanhóis pilhavam os Astecas e os Incas; franceses, ingleses e holandeses, pirateavam os espanhóis; assim, ladrão que rouba ladrão...

Os marcos principais de Paris são pós-Revolução Francesa: Arco do Triunfo, Louvre, Notre Dame, Torre Eiffel. Seus vultos mais importantes somente aparecem do século XVIII em diante: os enciclopedistas, os pró-e-pós-revolucionários. Seus principais artistas são do final do século XIX e começo do século XX (Monet, Renoir, Cézanne, Toulouse Lautrec), expostos no Museu Quai Dorsay. Rodin, o maior escultor francês, data dessa mesma época de grande efervescência cultural. Predominam construções neo clássicas, assim como as muito modernas do período Mitterand, com destaque para a Biblioteca Nacional.

Desejo fazer uma reflexão para conduir meu relato. Encontrei jovens brasileiros ansiosos em voltar para casa, apesar de estarem ganhando bem na Europa. Conversei com um pedreiro que já trabalha seis anos em Milão, doido para voltar para a sua Minas Gerais. Reflito meu próprio caso após um mês de peregrinação por estas terras. Dá uma saudade danada das nossas coisas: nossa comida, nossa música, nossa língua, nossa gente, nossa casa. Olhe V. M., eu só moraria fora de nossa terra se fosse exilado. Acho que foi essa nostalgia que atacou Gonçalves Dias, com quem concordei plenamente: “Nosso céu tem mais estrelas”; não vi várzeas por lá etc. Após ver tanta coisa bonita, regresso com uma baita vontade de transformar nosso país numa terra tão bonita quanto (ou mais do que) estas terras.

Posso dizer que fiquei tão maravilhado com as coisas deles quanto eles ficam com nossas belezas naturais. O maior rio que eu vi, o Tejo, em Portugal, é da largura do Guamá; o Tigre, em Roma, e o Sena, em Paris, devem ter uns cem metros na parte mais larga; Arno e Pó, menores ainda, uns igarapés. Aí eu pensei com meus botões: os europeus estão um pouquinho mais adiantados em alguns setores das ciências e artes ocidentais (apesar de terem quatro vezes a nossa idade). Logo, logo, nós chegamos lá. Assim como eles nos ensinaram muita

coisa, muitos dos nossos patrícios já vieram aqui mostrar nosso talento, embelezando e enriquecendo a Europa. Basta citar Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Santos Dumont, César Lattes, Celso Furtado, Niemeyer, entre outros. Posso exdamar, como Césarveni, *vidi, vici*. Já somos vencedores. Vim e vi parte do nosso passado; nós somos o futuro!

MARCO POLO DESCOBRE A EUROPA

Começo este relato com um elogio a meu tataravô: ele inventou a globalização com sua viagem ao oriente; mostrou o oriente para os europeus que, na época, comiam com as mãos, se vestiam mal. Ele chegou lá bem antes de Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e outros mais. Com mais modéstia, desejo mostrar minhas “descobertas” a meus compatriotas brasileiros, naturalmente aproveitando a sabedoria deixada por meu famoso ancestral. Informo aos patrícios que o melhor porto de chegada a Europa é Portugal, onde a língua é a mesma, com mais afinidades com nosso país.

Início polemizando a discussão de que tudo é caro na Europa. Realmente, é caro para nossos padrões monetários. Como diria Einstein, tudo é relativo; os preços também o são, sendo eles a monetização do valor. Ora, a mercadoria é valorizada pelas horas socialmente necessárias para produzi-la. Onde essas horas são mais valorizadas, o preço será maior. Esse preço é traduzido em termos de uma moeda local: o euro, em grande parte da Europa.

Em Portugal, algumas mercadorias têm preço menor que no resto da Europa porque alguns componentes da mercadoria (chamados capitais, fatores de produção, *input*), como a força de trabalho, custam menos. São mais caras na Itália e na França, por exemplo. O que ocorre na Europa é uma intensa competição para relativizar cada vez mais esses componentes das mercadorias. Custos menores atraem consumidores, como é o caso do setor de turismo em Portugal e Espanha. Paris atrai pela sofisticação, pois o atendimento ao turista é ruim e, freqüentemente, rude. Entretanto, ainda não existe consenso entre a população sobre os benefícios da unificação europeia e do euro. A Inglaterra, por exemplo, ainda não se convenceu desses benefícios, mantendo sua moeda. Certamente, o mercado de todos os fatores de produção para os europeus se expandiu. Assim, cada país busca aperfeiçoar esses fatores para competir com produtos de qualidade nesse mercado expandido.

Outra maneira de comparar os preços é pelo prisma dos agentes econômicos. Eles medem que as coisas estão mais caras quando os gastos consomem percentual maior de seus orçamentos. Cada classe social mede os preços como proporção de sua remuneração. Sentimos altos os preços europeus porque medimos pelos nossos padrões. Essa avaliação é diferente para o viajante particular que economiza para viajar; para o executivo que viaja por conta da empresa; para o alto funcionário do governo, pago pelo erário público. Uns se hospedam no Ritz, no Savoy; outros, em hotéis mais baratos, em albergues. Os jornais estão cheios de histórias de esbanjamento de dinheiro público com viagens internacionais.

Esse fato de que os preços relativos das mercadorias são maiores na Europa (quando comparamos por meio das respectivas moedas) representam mercado para nossos produtos. Os europeus podem colocar barreiras alfandegárias (impostos e tarifas) e não alfandegárias (trabalhistas e ambientais). Mas nós também podemos colocar barreiras aos produtos deles. A solução do impasse será a mesa de negociações. Para isso, teremos de responder a algumas questões: Quais são nossos produtos competitivos? Que empresários temos? Que infraestrutura? Que Estado? Aí está o busfils da questão que discutirei a seguir.

Os norte-americanos deram o salto do colonialismo para o capitalismo sem passarem pelo feudalismo. Os europeus viveram por todos os modos de produção, assim ganhando uma longa experiência histórica, o que os tornou extremamente competitivos. Nós não demos nem o salto de nossos irmãos do norte nem temos a experiência europeia. Faltam empreendedores na Amazônia. Prevaecem os seguidores de Eugenio Gudín segundo os quais a Amazônia tem vocação agrária e agrícola. Eis por que querem plantar aqui soja, cana de açúcar e dendê. Na atividade madeireira, continuam fazendo o que Fernando de Noronha fazia no século XVI: exportando madeira *in natura*. É mister surgirem os seguidores de Roberto Simonsen, transformadores de nossa vasta biodiversidade em produtos de alto valor agregado. Até a chegada desses empreendedores, continuaremos a exportar tora disfarçada em pranchas, pisos e forros; ferro gusa e lingotes de alumínio.

A discussão do setor de turismo leva-nos à última questão levantada: nossa infraestrutura. Rigorosamente, nosso turismo amazônico é competitivo? Mais precisamente: nós temos um produto turístico na Amazônia? O que os europeus têm que nós não temos? Estas são as questões que tentarei responder, a começar pela última: os europeus possuem um produto pronto para ser vendido. O exemplo descrito será particularmente da Itália que foi mais visitada pelo viajante, mas pode generalizar-se para toda a Europa. Examinarei primeiro o conteúdo do produto.

As obras de arte expostas na Itália foram elaboradas a partir do período etrusco aos nossos dias. São, principalmente, de um momento histórico em que o excedente do trabalho dos escravos e servos não se dirigia à produção e reprodução desse valor: era transformado em objetos de contemplação e culto; trabalho humano cristalizado em obras de arte e luxo, templos e castelos. Era muito fácil arregimentar centenas de escravos ou servos à custa de mera subsistência. Somente no final da Idade Média os artistas passaram a ser pagos a dinheiro.

Roma se tornou o centro cultural do mundo conhecido quando derrotou os gregos no século III A. C.: ao assimilarem a cultura helena, os romanos “deixaram” de ser bárbaros. Com a mudança de Constantino para Ravena (século IV D.C.), o papa se tornou o suserano de Roma até a Revolução Francesa (século XVIII) e chefe da cristandade. Foi com esse imenso poder temporal e espiritual que a riqueza observável em Roma foi canalizada até hoje. Para a Itália, drenaram as riquezas ao longo das cruzadas, de onde partiam as excursões bélicas, financiadas pelos doges e banqueiros. Geração de riqueza leva

à interação social, liberação do espírito para criação artística, consumo de obras de arte. Essa é a explicação para o grande florescimento artístico da Itália de Giotto a Fra Angélico, tendo seu apogeu em Rafael (Roma), Da Vinci (Turim e Milão) e Michelangelo (Florença).

Essa hegemonia findou com a mudança da economia para os países do Atlântico, no início do século XVI. A partir de então, surgiram: a arquitetura manuelina, os clássicos literários portugueses e espanhóis (Camões e Cervantes), os pintores (como El Greco, Velásquez e Goya, que se encontram no museu do Prado, em Madri). Vale notar que as artes holandesa e inglesa só apareceram quando esses países entraram na Revolução Comercial e na conquista do Novo Mundo (Rubens e Shakespeare).

Todo o trabalho acumulado é herança desses povos, produto do trabalho de seus ancestrais. No período capitalista, o valor acumulado chama-se capital, tendo que se valorizar para persistir como tal; exige recuperação, conservação e manutenção. Eis o produto turístico da Europa: recuperado e conservado para gerar ainda mais valor (cada Escola de Arte está ligada a um Museu). É “vendido” apenas para contemplação dos consumidores (turistas) pelos seus atuais proprietários (igrejas e fundações). Nos templos, não se cobra taxa de contemplação (com poucas exceções), mas constituem-se museus e sacristias para esse fim.

A Itália possui uma invejável infraestrutura, toda integrada e pública, de transporte terrestre: trem, metrô, ônibus (quase todos elétricos). Apenas os bilhetes de trem são adquiridos na estação ferroviária; os de metrô e ônibus, até em banca de jornal. Além disso, há um sistema público de educação do ensino primário à universidade; um sistema público de saúde e de previdência social. O que isso tem a ver com o turismo? Isso diminui o custo das mercadorias, em geral, e de todos os serviços turísticos, em particular, assim como o custo da movimentação dos turistas para qualquer parte da cidade, do país e do continente. Vale ressaltar que a Europa se encontra no meio dos cinco continentes, que compõem os aproximadamente 10% da classe média mundial, com disponibilidade de renda. Essa mesma Europa acha-se integrada a uma eficiente rede de transporte aéreo e comunicação, fruto da moderna globalização. Há, ainda, o marketing *glamourizado* e gratuito do cinema e televisão.

A infraestrutura social da Itália não caiu do céu; foi duramente negociada pelos trabalhadores desde os tempos do nacional socialismo à social democracia. Apesar do neoliberalismo, que o Estado tente mexer nos direitos adquiridos dos trabalhadores; que tente privatizar os transportes! Enfrentará um sindicalismo organizado desde o século XIX. Foi este sindicalismo que encontrei protestando no Terminal Ferroviário de Roma; que estava preparando grandes celebrações da Revolução Chinesa para setembro de 2009.

O que temos no Brasil? Um sistema de transporte com deliberada opção rodoviária, após a destruição das incipientes ferrovias. No Rio, o Estado cedeu graciosamente o serviço de metrô para a gestão privada. Viramos de costas para o mar. Mesmo na Amazônia, priorizamos o transporte rodoviário, em detrimento do fluvial, que seria nossa vocação natural. Quando o viajante

propôs uma ligação fluvial regular entre Mosqueiro, Outeiro, Icoaraci e Belém, nos anos 90, foi tachado de “maluco”. Na Europa, essas linhas são regulares em todos os mares: Mediterrâneo, Adriático, Jônio, Egeu, Báltico, Mar do Norte, Canal da Mancha. Em Veneza, esse é o único meio de transporte. Por outro lado, em Belém, as linhas urbanas esperam integração há vinte anos.

Rigorosamente, ainda não temos um produto turístico na Amazônia. Não estamos organizados para mostrar nosso produto em potencial: nossa paisagem de rios e floresta. Já sabemos qual o perfil do turista que vem nos visitar? Ele quer qualidade dos serviços, segurança, preço – porque está acostumado com isso no país dele. Não esperemos Indiana Jones, que é uma ficção do cinema. Por 1.500 euros, o turista europeu pode passar uma semana com tudo pago no sul do Mediterrâneo. E ele tem essas facilidades em todos os mares europeus durante o verão.

Não podemos nem devemos tentar mostrar aos europeus o que eles têm de melhor. Igrejas, eles têm em cada esquina, assim como palácios e castelos. Para cada Landi nosso, eles podem apresentar cem em cada Academia de Arte, que leva os nomes de seus renomados fundadores: Giotto, Michelangelo e Rafael. Num museu não está exposta apenas uma obra, mas dezenas de obras de artistas famosos e até menos famosos para nós. Nem nosso Museu de Arte de São Paulo (MASP) ou o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro podem ser comparados aos deles. Basta lembrarmos que a maioria das grandes cidades italianas já foi Estado independente, que competiram e competem umas com as outras.

Impressionou ao viajante o caso da Espanha. Sua semelhança com o Brasil é decorrente do fato de que também teve um longo período de ditadura que superou galhardamente com seu então jovem monarca; hoje é uma promissora democracia ocidental com economia baseada no turismo. Sem possuir uma Capela Sistina, os espanhóis transformaram seu antigo Palácio Real no Museu do Prado e, mais recentemente, construíram o Museu da Rainha Sofia, onde se encontra a Guernica de Picasso. Quem poderá dizer que esta obra não compete com o David, de Michelangelo, a Gioconda, de Da Vinci, ou O Pensador, de Rodin? Se tivermos de estabelecer uma gradação nos preços europeus, observaremos que os preços franceses são altíssimos; os italianos, muito altos; os portugueses, altos; os espanhóis, menos altos; em outras palavras, em Madri podemos comer e beber pela metade dos preços de Paris.

E o que podemos dizer de Belém? Começemos pelo diagnóstico feito por especialistas espanhóis, cujas recomendações nunca foram discutidas nem implementadas. O Restaurante do Careca e o da Ilha do Combu têm boa comida, mas cobram preços do La Pomme D'Or. No primeiro, o banheiro é ruim, e para chegarmos ao segundo, o transporte é péssimo. Nossos hotéis cobram preços europeus, a despeito dos custos serem bem brasileiros. Por essas e outras, perdemos oportunidades de atrair turistas nacionais para conhecer a Amazônia, para o turismo executivo e de eventos. Os turistas regionais preferem Fortaleza à Salinas.

Conversei sobre isso com um paraense que trabalha na Europa para uma multinacional de comunicação. Ele foi taxativo: “eu não recomendo a

Amazônia para meus colegas”. Do Brasil, eles conhecem Rio, São Paulo e Brasília; alguns, o nordeste, principalmente Fortaleza. Meu interlocutor é muito pessimista quanto ao turismo na Amazônia. Ele concordou apenas no ponto referente à nossa falta de organização para mostrar nossas catedrais, vegetais, árvores e florestas, nossos rios; as construções que restaram dos diversos períodos da história amazônica, os locais e as peças arqueológicas, os festivais regionais (pena que o carnaval de Cameté virou axé!). Podemos começar por reformular os cursos de Geografia e História dos graus primeiro e segundo; direcionar os trabalhos de conduções de cursos universitários para temas amazônicos; elaborar mapas e roteiros de nossa região; treinar guias especializados; preparar fones de ouvido com conteúdo dos locais visitados. As crianças devem ser incentivadas a frequentar parques e museus, hábito difundido em toda a Europa (quantos dos nossos municípios possuem ao menos um horto florestal?).

- “Mas construir tudo isso leva muito tempo”, dirão ao viajante. Concordo, mas é tempo de começar. Então, retomando a última questão: “Que Estado temos?” Os portugueses responderam a essa pergunta após expulsarem os mouros no final do século XIV. Ao constatarem que não poderiam concorrer com os italianos no comércio de especiarias através do Mediterrâneo, buscaram a circunavegação da África (SERGIO, 1981).

- “Mas isso vai durar cem anos”. Certamente alguém terá dito esta frase ao Infante Dom Henrique.

- “E daí?” Terá respondido o príncipe. Os portugueses construíram a Escola de Sagres, o projeto estratégico mais ambicioso da antiguidade, só comparável à NASA dos tempos modernos, e dominaram o mundo nos cem anos seguintes.

- “Mas os europeus estão muito adiantados; vai ser muito difícil competir com eles”.

- “Difícil, mas não impossível”, respondia Aníbal quando lhe diziam que os romanos eram imbatíveis. Ele subiu os Alpes em elefantes, durante o inverno, e derrotou os romanos.

Há vinte anos, seria tachado de maluco quem dissesse que competiríamos mundialmente em voleibol e ginástica olímpica. Nossa vocação era o futebol! Desmentimos esse determinismo cultural e fizemos mais: reerguemos o país em 20 anos (1988-2008), política e economicamente, do desastre da ditadura militar, e nos colocamos para disputar a primeira divisão dessas categorias no século XXI.

Milão, 20/08/09

REFERÊNCIAS

- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*, São Paulo: Ed. Cultrix, 2004. Caminha, Pero Vaz de. *Carta a el Rey Dom Manuel*. São Paulo: Dominus: 1963.
- CASALDÁLIGA, Pedro. *Na procura do reino*. São Paulo: FTD, 1988.
- HOMERO. *Iliada*, Lisboa: Livros Cotovia, 2005
- _____. *Odisseia*. Lisboa: Livros Cotovia, 2003.
- MARX, Karl. Ideologia Alemã. In: MCLELLAN, David (Ed) *Selected Writings*: Oxford: Oxford University Press, 1977. p. 176.
- NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na Crise do Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- ROMANO, Ruggero. *Mecanismos da Conquista Colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- SARAMAGO, José. *A viagem a Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.
- SÉRGIO, Antonio. *Breve Interpretação para a História de Portugal*. Lisboa: Sá Costa, 1981.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Brasília: UnB, 1975.

